



## DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO TERRITÓRIO DO SISAL ATRAVÉS DA OVINOCAPRINOCULTURA

Simone Santos de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** *Entende-se por desenvolvimento sustentável o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer futuras gerações. Muitos afirmam que é o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro, sendo propagado pelos meios de comunicação, presente nas discussões e encontros que abordam a questão do meio ambiente. Este texto pretende partilhar, através de sessão de comunicação oral um trabalho de pesquisa em fase inicial sobre a (re) organização do espaço da região do sisal através da prática da ovinocaprinocultura, como estratégia de desenvolvimento sustentável. O Território do Sisal localiza-se no semi-árido do nordeste baiano, envolvendo vinte municípios, tendo o sisal como principal cultivo, além da agricultura familiar de subsistência no período chuvoso. Atualmente, tem ganhado força a pecuária extensiva de ovinos e caprinos porque se adaptam às condições naturais e contribuem com a manutenção do que ainda resta da caatinga, determinando a implantação, a adaptação e o sucesso da ovinocaprinocultura neste território. Esta prática nesta região é um objeto de estudo e pesquisa por entender que ela pode se tornar uma estratégia de desenvolvimento sustentável, de grande relevância socioeconômica e ambiental no contexto da reorganização territorial da região sisaleira, requerendo pouco investimento, mantendo a população na zona rural, dando-lhes condições de rentabilidade econômica, beneficiando não somente a população do Território do Sisal, trazendo-lhes uma melhor qualidade de vida, mas todos aqueles que se beneficia dos produtos dessa atividade, garantindo a sobrevivência e preservando o que resta do bioma da caatinga no semi-árido baiano.*

**Palavras-chave:** Desenvolvimento sustentável; Ovinocaprinocultura; Território do sisal.

### INTRODUÇÃO

O longo processo de organização e reorganização da sociedade deu-se concomitantemente à transformação da natureza primitiva em campos, cidades, estradas de ferro, minas, parques nacionais, shopping centers, entre outros. Estes espaços criados pelos homens são suas marcas e apresentam um determinado padrão de localização que é próprio a cada sociedade e organizadas espacialmente constituem o espaço do homem, cuja dimensão da totalidade social é construída pelo homem ao fazer sua própria história que é modificada e que também se modifica dentro do processo de transformação social.

A pesquisa aqui proposta e em fase inicial, intitulada como Desenvolvimento Sustentável no Território do Sisal através da Ovinocaprinocultura foi escolhido por sua relevância socioeconômica e ambiental no contexto da reorganização territorial da região sisaleira porque é uma atividade econômica que requer pouco investimento, mantém a população da zona rural em seus ambientes de origem, dando-lhes condições de rentabilidade econômica, beneficiando a

---

<sup>1</sup> Professora Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, Especialista em Metodologia do Ensino de Geografia pelo IBPEX/Facinter. Ministra aulas de Prática de Ensino e Metodologia do Ensino da Geografia no Departamento de Educação do Campus XI da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Serrinha. E-mail: ssoliveira\_valentec3@yahoo.com.br



população que vive neste território, trazendo-lhes uma melhor qualidade de vida, mas também a toda população que se beneficia dos produtos da atividade da ovinocaprinocultura.

Este trabalho também terá grande relevância científica porque indicará com clareza o estado atual do desenvolvimento econômico baseado na inserção da prática da ovinocaprinocultura no Território do Sisal, inserindo-se em linhas de pesquisas sobre organização territorial e estudos ambientais por entender que o desenvolvimento sócio-espacial e territorial da região do sisal dar-se-á através de ações que busquem a permanência do homem no campo, dando-lhes condições para um desenvolvimento sustentável, garantindo a sua sobrevivência e preservando o que resta do bioma da caatinga no semi-árido baiano.

## **A OVINOCAPRINOCULTURA E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UMA INQUIETAÇÃO**

- Como a ovinocaprinocultura contribui para o desenvolvimento local sustentável do Território do Sisal e reorganiza a esta região no Nordeste Baiano?

Este é o questionamento da pesquisa que inquieta a autora. Como compreender a prática da ovinocaprinocultura como estratégia de desenvolvimento sustentável nos municípios inseridos num território onde ainda reinam o cultivo do sisal?

O Nordeste brasileiro sempre foi visto como uma região problema.

O Território do Sisal, mais conhecido como Região Sisaleira, está localizado no semi-árido da mesorregião do Nordeste Baiano, distante da capital baiana aproximadamente 170 km, envolvendo cerca de vinte municípios, entre os quais merecem destaque Santa Luz, Conceição do Coité, Queimadas, São Domingos e Valente, conhecida como a capital do sisal, pois estes municípios são os que mais se destacam na produção por hectare do sisal entre os anos de 1990 e 2006 e se tornaram referências nessa área, embora o cultivo do sisal tenha sofrido uma queda na produção.

Nesta Região do Sisal, a planta do agave chegou por volta de 1910 no município de Santa Luz e na década de 1970 entrou em decadência. Atualmente, tem ganhado força a pecuária extensiva, especialmente a criação de ovinos e caprinos na região. Além do cultivo do sisal, principal produto agrícola, a agricultura familiar de subsistência, apesar de estar sujeita a longos períodos de seca que ciclicamente atinge a região do Sisal, é praticada no período de chuvas. O clima semi-árido da região sisaleira é caracterizado por longos períodos de estiagem e baixa média pluviométrica, entre 300 e 550 milímetros ao ano, tornando o solo da região ácido e extremamente fértil. O pediplano sertanejo, os planaltos e tabuleiros caracterizam o relevo regional. Os rios e riachos são em grande maioria intermitentes e quase todos bloqueados por barragens que servem como reservatórios de água. Devido à baixa pluviosidade e acidez do solo, os lençóis freáticos são geralmente salobros. A vegetação é caracterizada pela caatinga. Todos esses fatores climáticos e naturais foram determinantes para a implantação e adaptação, assim como para o sucesso da ovinocaprinocultura na Região do Sisal, cujos índices baianos chegam em média a 20% do total de rebanhos ovinos no Brasil e 40% do total do rebanho de caprinos no nosso país, entre os anos de 2001 e 2006 (IBGE – SIDRA, 2008).



“A cabra deveria ser a bandeira nordestina ou, pelo menos, estar na bandeira nordestina. Seria o gesto de assumir o próprio chão seco com 500 anos de atraso, e começar um correto desenvolvimento a partir das coisas lucrativas da terra e do clima da caatinga” afirma Dr. em Zootecnia Manoel Dantas Vilar Filho (BERRO, Novembro/Dezembro, 2001, n. 46, p.76). Esta afirmativa torna evidente que este animal, a cabra, é um animal excelente para a prática da pecuária na região do semi-árido. Vale ressaltar que a cabra foi o segundo animal a ser domesticado há mais de dez mil anos quando houve a chamada Revolução Neolítica, onde o homem aprendeu a plantar e a domar os animais para o seu proveito.

A bíblia retrata a cabra várias vezes, assim como as ovelhas permeando seus textos. Estes animais são retratados quando fala sobre o nascimento de Jesus, enumerando os animais que estavam ao seu redor como a cabra e a ovelha, considerados simbólicos da prática da atividade de pecuária predominante no semi-deserto de Belém em Israel, evidenciando uma área de zona seca. A cabra é o ruminante mais expressivamente disseminado porque é de fácil adaptação ao calor, ao frio ou à seca, tendo as mais diversas funções como produção de carne, leite, couro e pêlos. No Brasil não havia cabras nativas. Elas vieram inicialmente da Península Ibérica e em navios negreiros da África, expandindo-se no Nordeste brasileiro por causa de seu processo histórico de colonização e ocupação territorial, afirma o Dr. em Zootecnia Manoel Dantas V. Filho (BERRO, 2001).

Até poucos anos atrás o menosprezo às cabras e bodes foi muito grande, desde instituições oficiais como Ministérios, Órgãos de Ensino e Pesquisas e também por fazendeiros que defendiam suas lavouras da fama de traquinagem das cabras. Este menosprezo foi também evidenciado na mídia televisiva, por parte de certa propaganda de cerveja, mostrando o bode como um animal rabugento e sem valor, evidenciando claramente a discriminação pela criação destes animais, deixando indignados os nordestinos que sobrevivem hoje graças à criação destes animais. A insatisfação foi tão grande por parte dos nordestinos, também excelentes consumidores da cerveja tratada na propaganda, que a mesma ficou pouco tempo no ar, sendo retirada porque feriu o “orgulho do nordestino”.

Largadas na caatinga aberta comum, a seleção natural foi negativa para a função leiteira, porém geneticamente muito valiosa para a rusticidade, proliferação e qualidade da pele. A primeira iniciativa oficial de classificar uma raça e proceder ao seu melhoramento só veio ocorrer na década de 30 do século passado no nordeste brasileiro, mais especificamente no estado de Pernambuco (O BERRO, 2001, n.46, p. 77).

É muito cômodo para os nossos governantes mascararem a inércia, a incompetência, a irresponsabilidade e a indiferença, atribuindo às secas a responsabilidade pela vexatória situação em que vive o setor primário nordestino.

A falta de chuvas causa intenso sofrimento e gera problemas sociais com graves conseqüências. Verdade também que esses problemas, também de ordem natural, persistem e até se agravam a cada estiagem porque na realidade poucas ações foram realizadas para livrar a população nordestina e em especial a do Território Sisaleiro da angústia e dos sucessivos massacres morais por causa de uma situação que vai além do fator natural, desassistindo assim o semi-árido nordestino e baiano.



Ao tratar da natureza e da lógica das economias camponesas na América Latina, Chonchol (1994) apud Baiardi e Mendes (in Revista Bahia Agrícola, v.8, n.1, nov. 2007) afirma que o campesinato constitui um grupo social que apresenta quatro características ligadas entre si. Primeira: a unidade de produção familiar como essencial e multifuncional. Segunda: o cultivo da terra e a criação de animais como meio de vida. Terceira: uma cultura tradicional específica e intimamente ligada às formas de vida das pequenas comunidades rurais. Quarta: subordinação ao poder de entidades sociais exteriores à comunidade camponesa. O mesmo autor afirma que o campesinato é uma categoria de transição entre a economia natural, chamada por ele de tradicional e a agricultura familiar considerada moderna. Assim, para ele, *peasant* é o produtor familiar com um modo de vida tradicional integrado intimamente com a agricultura, mas que não realiza investimento, visando obter lucro. Por sua vez o *farmer* exercendo a agricultura como um comércio e vê a terra, não como um modo de vida, mas como capital e mercadoria.

Vale ressaltar que em qualquer condição, menos integrado aos mercados e não visando o lucro, ou mais integrado aos mercados e visando obter excedentes crescentes, o produtor familiar do semi-árido terá que ser permeável a uma práxis que valorize a ação coletiva voltada para viabilizar o uso de recursos naturais escassos, com vista a tornar possível conduzir, além do cultivo da terra, a criação de animais, com objetivo de obter resultados econômicos no presente e mantendo-os no campo, garantindo a continuidade de desfrute às gerações futuras.

Dentro deste contexto tem-se percebido a atuação do capital social e de várias ações governamentais voltadas para as áreas menos favoráveis. Nascimento (2003) mostra a necessidade de desenvolver o capital social como algo resultante do aumento da capacidade de articulação/organização dos atores rurais, intensificada em ações coordenadas para lograr um desenvolvimento incluyente, ou seja, para dificultar tudo aquilo que o torne excluyente. Ainda em seu livro *Conviver o Sertão*, ele aborda os estágios dinâmicos pelos quais as lideranças sociais (Comunitárias, pastorais, sindicais, ONG's...) tiveram que influir para fundar a perspectiva do desenvolvimento incluyente no município de Valente, cidade onde nasci e convivi por vários anos e onde fica a APAEB- Associação dos Pequenos Agricultores do Estado da Bahia, hoje conhecida como Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira, mantendo muitas atividades como a assistência técnica permanente aos agricultores ensinando técnicas para conviver com a seca e aumentar a produtividade; atendimento veterinário, laboratorial e melhoramento genético do rebanho caprino e ovino; programas de construção de cisternas para o armazenamento de água, perfuratriz de poços artesianos, sistemas de irrigação; reflorestamento com plantio de mudas de árvores nativas e outras adaptáveis à caatinga, cujas mudas são produzidas e distribuídas em viveiro próprio; laticínio DaCabra com produção de leite pasteurizado, iogurtes, doces e queijos, com leite caprino; Couros Valente: compra, venda, curtimento de peles e fabricação de produtos artesanais e industriais a partir da pele caprina comprada dos criadores; no artesanato, eles dão apoio ao trabalho desenvolvido por mulheres que confeccionam peças artesanais, utilidades e decoração a partir de fibras naturais de caroá e sisal, em Valente e Araci, na Bahia.

Outra ação é o que eles chamam de Desenvolvimento Comunitário, cujas experiências visam capacitar e estimular os moradores de três comunidades rurais, para, juntamente com os técnicos da APAEB, buscar soluções para os problemas locais, visando o desenvolvimento sustentável. A experiência é desenvolvida nas localidades de Cabochard (Valente), Boa Fé (São Domingos) e Vargem Funda (Santa Luz), atendendo a mais de 100 famílias do semi-árido do nordeste baiano.



Há também um Fundo Rotativo: empréstimos aos pequenos agricultores, para investirem na propriedade, de acordo com projeto econômico elaborado pelos técnicos da Associação. Essas são algumas das atividades desenvolvidas pela APAEB de Valente-BA, dentre as quais a que mais me chama a atenção é a usina para o processamento de leite que produz e comercializa doces, iogurtes e queijo com o leite da cabra, que também está sendo pasteurizado. Um dos objetivos desse trabalho é aumentar a produção de leite da região e para isso a APAEB está fazendo melhoria genética e implantou laboratório veterinário para diagnosticar e tratar as doenças dos caprinos e ovinos da Região do Sisal. O mais importante desta atividade desenvolvida é que o laticínio vem gerando uma nova fonte de renda para os produtores rurais de caprinos e ovinos.

Nascimento (2003) aborda em seu livro *Conviver o Sertão* três estágios pelos quais as lideranças sociais passaram. A primeira é classificada por ele como incipiente, ocorrendo durante nos anos de 1960, cujo trabalho era realizado pela pastoral rural católica e reprimido pela ditadura militar. O segundo estágio ocorre entre os anos de 1970 e 1980 com a atuação do MOC e reeclosão de diversas entidades populares como o STR's, Associações Comunitárias, etc, representando o estágio de florescência do capital social, embora pouco difundido. Já o terceiro estágio é marcado por um período de consolidação das entidades e da conquista de espaços participativos de poder como o MOC, APAEB's, STR's, Fóruns da Cidadania, Conselhos de Desenvolvimento, mais autônomos e inseridos, compreendidos entre o final dos anos de 1980 e 1990, quando os laços de sociabilidade adquiriram suficiente complexidade, possibilitando o amadurecimento de um estágio que Nascimento (2003) chamou de enraizamento e enredamento e por isso de manifestação ativa do capital social, ganhando destaque a experiência dos pequenos agricultores do município de Valente-BA.

Em fevereiro do ano de 2008, o governo Federal lançou o Programa Territórios da Cidadania, cujo objetivo foi proporcionar a inclusão e o desenvolvimento regional nos sessenta territórios espalhados pelo país, com menores índices de desenvolvimento humano (IDH) e baixo dinamismo econômico, como é o caso do Território do Sisal. O estado da Bahia possui vinte e seis Territórios de Identidade. Dentre eles está o Território do Sisal. Segundo os dados do Ministério de Desenvolvimento Agrário (2008) e a FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado da Bahia), o Território do Sisal abrange uma área de 21.256,50 Km<sup>2</sup>, com um IDH médio de 0,60, possuindo um total de 552.713 habitantes, dos quais 348.222, cerca de 63%, vivem na área rural, perfazendo um total de 64.350 agricultores familiares, 2.344 famílias assentadas, 413 famílias de pescadores, 01 comunidade quilombola e 01 terra indígena.

Ainda segundo o Ministério de Desenvolvimento Agrário (2008), as ações deste programa federal estão voltadas para fortalecer as principais cadeias produtivas da agricultura no semi-árido baiano, envolvendo as atividades ligadas também a ovinocaprinocultura, muito embora o cultivo do sisal ainda seja uma das principais fontes de exportação do Nordeste representando uma importância econômica significativa para esta região e para o país, apesar de ter sofrido uma decadência nos anos 70 e 80 por causa da crise do petróleo, mas atualmente percebe-se que vem melhorando a produção desta lavoura permanente entre os anos de 1990 com 267.136 hectares cultivados para 304.109 plantados em 2006, segundo o IBGE (2008). Este aumento se deve ao fato da cultura do sisal poder se integrar a outras atividades econômicas, através de novos usos da fibra do sisal nas indústrias automobilísticas, de construção civil, na fabricação de geotêxteis para utilização em proteção de encostas, na agricultura e revestimento



de estradas, além de cordas, barbantes, tapetes, bolsas, vassouras, chapéus e alimento para o gado na região semi-árida, entre outras utilidades.

Do ovino ou do caprino, tudo se aproveita, desde a sua carne, leite e pele, embora o consumo de leite e carne ainda sejam consideradas muito pequenas no Brasil, mas no Nordeste brasileiro e em especial no nordeste baiano, ela é grande fonte de alimento, sendo sua carne comercializada por frigoríficos conceituados no ramo e muito apreciados por famílias de baixa a alta renda, como também em bares e restaurantes da região e reproduzidos aqui no Território do Sisal são comercializados fora da região, ocupando espaço na pecuária em outras áreas do país, afirmação comprovada por relatos de comerciantes, pequenos e médios proprietários de caprinos e ovinos em feiras livres de animais nos municípios de Santa Luz, São Domingos, Conceição do Coité e Valente, Bahia.

Em muitas propriedades, as cabras e os ovinos estão tomando o lugar, com grande vantagem, do penar e do risco das lavouras temporárias e da criação de gado bovino, aumentando, inclusive a ocupação de mão-de-obra em relação ao que trabalhava no tempo da loteria dos roçados. A prática da ovinocaprinocultura tende a melhorar na região semi-árida com os programas e atuação de órgãos como EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola), o PRONAF (Programa Nacional de Agricultura Familiar) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e tantos outros.

Para Corrêa (1990), a organização social é uma dimensão social construída pelo homem ao fazer sua própria história.

Como o trabalho social e sua divisão dão-se em um determinado tipo de sociedade com certo nível de desenvolvimento das forças produtivas e um modo dominante de suas relações, a organização espacial resultante refletirá estas características básicas da sociedade. Refletirá o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção. E como estas últimas vão traduzir-se em classes sociais e seus conflitos, a organização espacial as espelhará (CORRÊA, 1990, p. 67).

Diante do exposto, percebe-se que o Território do Sisal está se reorganizando, gerando renda e desenvolvimento tanto a nível local como regional, embora muito ainda tenha por fazer nesta região, pois para exercer a atividade da ovinocaprinocultura, o Território do Sisal não precisará sofrer tantas agressões ambientais, retirando proveito das condições físicas do sertão nordestino que não são tão favoráveis ao desenvolvimento econômico, tornando uma região proveitosa do ponto de vista econômico dentro dos padrões da sustentabilidade, embora, em nível local ou nacional, ainda não exista, em todo o planeta, uma referência do que signifique superar o paradigma neoliberal. Ainda não há uma experiência capaz de se tornar uma referência que nos diga como sair de um modelo que se pauta pela lógica dos agentes de mercado e criar um desenvolvimento sustentável, mas ao certo se sabe que “trata-se de uma preocupação justificada com o processo econômico na sua perspectiva de fenômeno de dimensão irrecorrivelmente ecológica, sujeito aos condicionamentos ditados pelas leis fixas da natureza, da biosfera” (CAVALCANTI, 2003, p. 17).

Aliado ao cultivo do sisal surge a ovinocaprinocultura. Uma atividade econômica rentável que pouco modifica a paisagem do semi-árido, pois num estudo comparativo da produtividade entre uma vaca leiteira de 400 Kg e um lote de oito cabras pesando também 400



Kg no total, os resultados são surpreendentes, favorecendo a criação de cabras, como mostra o quadro a seguir.

#### QUADRO COMPARATIVO DA PRODUTIVIDADE

Animais	Vaca (400 Kg)	Cabra (8 cabeças- 400 Kg)
Produção (litros/dia)	10,6	1,9
Produtividade em Lactação (8 meses)	2.560	3.760
Quantidade de Proteína no leite	84	112
Quantidade de alimento e espaço físico	A mesma	A mesma
Aproveitamento de alimentos grosseiros	Não aceita	Aceita bem
Perda de 01 Animal-Projeção (%)	100	12,5
Período de gestação	09 meses	05 meses
Partos duplos (%)	Dificilmente	40
Evolução do rebanho	01 (em 9 meses)	11 (em 05 meses)

Fonte: O Berro. Revista Brasileira de caprinos e ovinos. N.46. Novembro/Dezembro, 2001, p.44.

Para Cavalcanti (2003), a economia da sustentabilidade é uma forma de exprimir a noção de desenvolvimento econômico como fenômeno cercado por certas limitações físicas que ao homem não é dado elidir.

O grande desafio da sustentabilidade é exatamente desenvolver métodos para integrar princípios ecológicos e limites físicos no formalismo dos modelos econômicos prevalentes. Na verdade não há uma economia da sustentabilidade nem uma única forma de chegar aos predicados de uma vida sustentável. Inexiste tampouco uma teoria única do desenvolvimento ecologicamente equilibrado. O que há é uma multiplicidade de métodos de compreender e investigar esta questão e a ovinocaprinocultura seria um viés para o desenvolvimento sustentável da Região do Sisal porque os caprinos, em especial, se adaptam perfeitamente às condições naturais da Região do Sisal, podendo levar a população desta área a superar o atraso, os impactos ambientais, a pobreza e a migração rural gerada pela falta de informação e crédito rural, mantendo-os em seus ambientes de origem, enfrentando as dificuldades naturais através de apoio de gestores públicos e entidades não-governamentais e contribuindo para a manutenção do equilíbrio ambiental e permeando um desenvolvimento sustentável estrategicamente elaborado, redefinindo o papel do governo neste momento no contexto do Brasil, onde a descentralização cria uma tendência que merece ser estimulada e as experiências mostram que quando as estratégias relativas ao desenvolvimento local são consolidadas, coordenadas e executadas em nível local, somando os recursos das várias fontes, muitas ações tendem a dar certo por estarem próximas da realidade, como afirma Cavalcanti (2003).

#### OS OBJETIVOS DA PESQUISA A SER REALIZADA

Diante do exposto, o objetivo geral que norteia o estudo e esta pesquisa em fase inicial é apresentar a ovinocaprinocultura como uma atividade econômica geradora de emprego e renda que contribui para o desenvolvimento sustentável no Território do Sisal, enfatizando os aspectos socioeconômicos e ambientais que a envolve.



Quanto aos objetivos específicos temos:

- Entender a evolução dos sistemas agrários no Território do Sisal;
- Analisar a produção do sisal e agropecuária no período dos anos de 1970 a 2000;
- Destacar a ovinocaprinocultura como uma alternativa de desenvolvimento sustentável no Território do Sisal;
- Investigar a cadeia produtiva da ovinocaprinocultura desde o insumo, produção, reprodução e comércio e a sua relação com o capital social no Território Sisaleiro;
- Identificar a visão empresarial na atividade da ovinocaprinocultura junto aos produtores do Território do Sisal através de reuniões em associações comunitárias rurais e visitas às comunidades na zona rural nos municípios pertencentes ao Território do Sisal;
- Reconhecer o potencial da ovinocaprinocultura como uma atividade estratégica, socioeconômica e ambiental para a manutenção do homem em seus ambientes rurais com qualidade de vida, promovendo um desenvolvimento sustentável no bioma da caatinga.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Visando atingir os objetivos propostos nesta pesquisa que encontra-se em fase inicial sobre a análise da (re)organização do espaço territorial da Região do Sisal através da prática da ovinocaprinocultura e o seu desenvolvimento regional sustentável, durante o período dos anos de 1970 – 2000, o trabalho tende a seguir uma linha de pesquisa qualitativa e quantitativa, tendo como instrumentos as observações diretas, descritivas e entrevistas com aplicação de formulários e questionários nos ambientes rurais dos municípios que fazem parte do Território do Sisal, assim como consultas bibliográficas com a finalidade de explorar os vários enfoques da atividade da ovinocaprinocultura, desde a evolução dos sistemas agrários no Brasil e na Bahia, a inserção desta atividades no Território do Sisal, a cadeia produtiva, suas perspectivas de desenvolvimento sustentável neste território em questão e a atuação do capital social nesta área abrangida pela pesquisa. Assim, a metodologia será aberta com pesquisa bibliográfica, visitas e entrevistas *in loco* em alguns municípios abrangidos pelo Território do Sisal e em especial aos municípios de Valente, São Domingos, Retirolândia e Santa Luz, na Bahia, assim como visita ao MOC – Movimento de Organização Comunitária, a Associações de pequenos Agricultores do estado da Bahia – APAEB's nos municípios de Araci, Serrinha e em Valente, embora atualmente permaneça com esta sigla, a mesma passou a ser designada como Associação do Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais dos municípios em questão, Centro de Apoio às Iniciativas Comunitárias do Semi-árido da Bahia – CEAIC, bancos cooperativos nos municípios supramencionados da região e prefeituras destes municípios onde os dados e as informações coletados serão analisados, comparados e utilizados na construção de gráficos, tabelas e mapas temáticos com a finalidade de verificar e mapear as reais possibilidades do desenvolvimento sustentável através da prática da ovinocaprinocultura na Região do Sisal e a atuação do poder público e entidades não-governamentais para a sua aplicabilidade sustentável.



Quanto aos capítulos da dissertação, pretende-se enfatizar:

**CAPÍTULO I – A ÁREA DO TERRITÓRIO DO SISAL: ASPECTOS GEOECONÔMICOS DOS MUNICÍPIOS QUE FORMAM ESTA REGIÃO**

**CAPÍTULO II - O MODELO AGRÍCOLA E PECUÁRIO BRASILEIRO E A EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS AGRÁRIOS DO TERRITÓRIO DO SISAL**

**CAPÍTULO III - A CADEIA PRODUTIVA DA OVINOCAPRINOCULTURA NA REGIÃO DO SISAL BAIANO**

**CAPÍTULO IV - O CAPITAL SOCIAL NO SEMI-ÁRIDO BAIANO E A OVINOCAPRINOCULTURA: UMA ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS NO TERRITÓRIO SISALEIRO**

A pesquisa aqui proposta será respaldada pelos estudos de Nascimento (2000, 2003), em especial pela sua obra *Conviver o Sertão*, onde aborda a forma como os sertanejos se organizam para superar os obstáculos que levam ao desenvolvimento do semi-árido baiano, retratando em todo o decorrer desta obra a experiência de organização dos pequenos agricultores no município de Valente no estado da Bahia, localizado a 270 km aproximadamente de Salvador, com 50,35% de sua população vivendo em áreas da zona rural, conforme dados do IBGE do ano de 2000. Nascimento (2003) traz conceitos como capital social comunitário e empoderamento (processo em que determinada coletividade adquire poder à medida que fortalece laços de cooperação e aprende a manejar e resolver seus conflitos), chamando atenção para as lideranças camponesas que atuam como mantenedoras do capital social, além de abordar a fundação e a descentralização da APAEB, mostrando-a como um modelo de organização de pequenos agricultores que vêm procurando êxito no semi-árido apesar das adversidades da região.

Além dos estudos de Nascimento (2000, 2003), são dignos de nota os estudos e pesquisas de Silva (2008) e Mello (2008), assim como Vieira (2008) e outros que pesquisam e abordam em suas obras o capital social no território do semi-árido baiano, além de consultas ao Sistema de Informações Territoriais do Ministério do Desenvolvimento Agrário, entre outros que tratam de forma equânime a região do território sisaleiro e a ovinocaprinocultura.

## **REFERÊNCIAS**

CAVALCANTI, Clóvis. **Desenvolvimento e natureza**: Estudos para uma sociedade sustentável. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

CORREIA, Fagner Walleinstein Silveira. **Perfil setorial da caprinovinocultura**. No Mundo, Brasil, Nordeste e Sergipe. Disponível em: <http://www.biblioteca.sebrae.com.br>. Acesso em 16 mar. 2008.



FOLHA DA AGRICULTURA. **Agronegócio familiar e empresarial garante expansão do PIB baiano.** Boletim Informativo da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. Salvador: Seagri, jan. 2008.

IBGE. **Estados@.** Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ba&tema=lavourapermanente2007>. Acesso em 20 de mar. 2008.

NASCIMENTO, Humberto Miranda. **Capital Social e Desenvolvimento Sustentável no Sertão Baiano:** a experiência de Organização dos Pequenos Agricultores no Município de Valente. Campinas, SP: UNICAMP, 2000 (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. **Conviver o Sertão:** Origem e evolução do Capital Social em valente-BA. São Paulo: Annblume, 2003.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção e agricultura.** São Paulo: Ática, 1986.

REVISTA O BERRO. **A caprinocultura no semi-árido.** Nº 46. Minas gerais: Agropecuária Tropical, novembro/dezembro – 2001,

\_\_\_\_\_. **Carneiro e cordeiro no prato.** Nº 54. Minas gerais: Agropecuária Tropical, janeiro, 2003.

REVISTA BAHIA AGRÍCOLA. **Agricultura Familiar:** abrindo novos caminhos agrícolas. V.8, n. 1. Salvador: Seagri, Nov. 2007

SEAGRI. Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. **Efetivo dos rebanhos Ovinos e Caprinos.** Disponível em [www.seagri.ba.gov.br/PDF](http://www.seagri.ba.gov.br/PDF). Acesso em 29 de set. 2008.

SEBRAE. **Perfil setorial da caprinocultura.** No mundo, Brasil, Nordeste e Sergipe. Disponível em: <http://www.biblioteca.sebrae.com.br>. Acesso em 06 mar. 2008.

SILVA, Bárbara Christine Nentwig, SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. **Reinventando o Território:** Tradição e mudança na região do Sisal. Disponível em: [www.nead.org.br/download.php?form=pdf&id=57](http://www.nead.org.br/download.php?form=pdf&id=57). Acesso em 05 de out. 2008.

SIT-Sistema de Informações Territoriais. **Caderno do território do Sisal-BA.** V.I. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br>. Acesso em 02 de out. 2008.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Territórios da Cidadania.** Disponível em: <http://www.territoriocidadania.gov.br>. Acesso em 28 de set., 2008.

VIEIRA, Vanessa. **A APAEB e a (re) organização territorial do semi-árido baiano a partir da constituição do capital social.** Disponível em: <http://www.capitalsocialsul.com.br/capitalsocialsul/desenvolvimentoregional/grupo%203/03.pdf>. Acesso em 19 de set. 2008.